

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia
Licenciatura em Antropologia

**Estratégias de reprodução social entre um grupo de produtores:
Uma análise a partir de produtores no vale de Infulene, província
de Maputo**

Candidata: Eufrázia de Arminda José

Supervisor: Emídio Gune

Maputo, Dezembro de 2019

**Estratégias de reprodução social entre um grupo de produtores: Uma análise
a partir de produtores no vale de Infulene, província de Maputo**

Trabalho de culminação de estudos, na modalidade de projecto de pesquisa, submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção de grau de licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

A Candidata

Eufrazia A. José
(Eufrazia de Arminda José)

O Supervisor

Emilio Gue

O Presidente

Julio Costa

Oponente

Francisco Baptista

Maputo, Dezembro 2019

Declaração de honra

Declaro que este relatório é, original, nunca foi apresentado na sua essência com objectivo de obtenção de qualquer grau. Declaro também que o relatório é fruto do meu esforço e minha investigação, por esta razão estão indicados as referências ao longo do trabalho.

Eufrazia de Arminda José

Maputo, Dezembro 2019

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, José Mário Maximino e Gizelda Arminda João, que desde criança ensinaram-me o caminho da escola e sempre incentivaram-me a apostar nos estudos, e a minha avó Alima Muuarihe por ter-me cuidado na minha carreira estudantil.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo dom da vida que me concedeu. Aos meus professores do departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane pelo conhecimento que transmitiram durante os meus quatro anos do curso.

De igual modo, ao meu orientador Emídio Gune, pelas sugestões, orientação e pela paciência e disponibilidade, em orientar-me na elaboração desse estudo. Agradeço também aos docentes, Margarida Paulo, Hélder Nhamaze, Esmeralda Mariano, Elísio Jossias e Joane Zonjo.

Aos meus participantes de estudo das machambas do vale de Infulene pela disponibilidade e paciência.

A toda minha família em especial a minha avó Alima Muuarihe, que em todos momentos acompanhou-me nos meus estudos, ao meu pai José Mário Maximino, a minha mãe Gizelda Arminda João, a minha avó Maria Madalena, ao meu avó Mário Maximino (em memória), aos meus padrastos Cardoso Júlio e Angelica Paulo e aos irmãos.

A todos os meus colegas da turma de Antropologia 2015, em especial aos meus colegas Herminio Manhiça, Cadry Mussage, Belarmina Tamel meus companheiros de muito estudo durante os quatro anos, aos meus companheiros de carteira Januário Cassamo e Zulfa Remane pelo suporte e companheirismo.

Aos meus amigos, Alfredo Vomuchela, Elizabete Constantino, Jojó Caetano Maiquel do Rosário, Cácimo, José Tacuessa, Marla Rufai, Elizabete Constantino, Sirage Amade, pela força e apoio.

O meu muito obrigado a todos.

Resumo

O presente trabalho analisa estratégias de reprodução social no sector Agrícola entre um grupo de jovens produtores de vale de Infulene na província de Maputo. Da literatura analisada sobre estratégia de reprodução social no sector Agrícola identifiquei duas perspectivas das quais a primeira analisa a produção agrária familiar de subsistência e de autoconsumo. A segunda analisa o sector agrícola a partir do género e explica que mulheres agricultoras desempenham papel decisivo na execução das actividades relacionadas à produção. Se por um lado essa literatura permite compreender que o sector agrícola na sua maioria é caracterizado por uma agricultura familiar que pratica agricultura para o auto sustento e familiar, por outro lado ficam por compreender os detalhes sobre o papel dessa agricultura na vida das pessoas e como elas usam-na como estratégia de reprodução social.

Para compreender esses detalhes realizei uma pesquisa etnográfica exploratória entre um grupo de produtores do Vale de Infulene. A partir dos dados analisados compreendi que parte dos participantes usa a agricultura como uma das formas de reprodução social, a par de outras estratégias e outra usa apenas a agricultura como sua estratégia de reprodução social. Compreendi ainda que existem produtores que vivem somente da agricultura.

Os dados da presente pesquisa permitem igualmente compreender que os participantes e seus parentes combinam a agricultura com outras actividades como forma de aumentar a sua fonte de renda e de garantia da sua reprodução social.

Palavra-chave: Reprodução social, estratégia e parentesco.

Índice

Declaração de honra	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	v
1. Introdução.....	1
2. Revisão da literatura	3
3. Quadro teórico e conceptualização.....	7
3.1. Teoria.....	7
3.2. Conceptualização	7
4. Procedimentos Metodológicos	8
4.1. Métodos e técnicas de recolha de dados	8
4.2. Processo de recolha de dados.....	9
4.3. Técnica de registo, tratamento e análise de dados	9
4.4. Processo de selecção de participantes.....	10
4.5. Constrangimento no processo de recolha de dados	10
4.6. Perfil dos participantes.....	11
5. Estratégia de reprodução social entre produtores no vale de Infulene	12
5.1. Localização e caracterização da área da pesquisa.....	12
5.2. Acesso e uso de espaço de produção	13
5.3. O processo de produção	15
5.3.1. Comercialização dos produtos da machamba e intervenientes no processo de comercialização	20
5.4. Estratégia de reprodução social dos produtores.....	23
5.4.2. Estratégias de Produtores depois de começar a trabalhavam na machamba..	26
6. Considerações finais	30
Referências	31

1. Introdução

A presente pesquisa analisa estratégias de reprodução social no sector Agrícola entre um grupo de jovens produtores do vale de Infulene, na província de Maputo. O meu interesse por este tema surgiu após uma conversa com três produtores na cidade Nampula. Durante a conversa os produtores explicavam que economizam dinheiro que ganhavam na venda dos produtos que cultivavam, para que o mesmo fosse suficiente para pagar contas até a época seguinte de colheita.

A partir dessa conversa fiquei interessada em estudar experiências de produtores para obtenção de renda. Na impossibilidade de fazer a pesquisa exploratória em Nampula, conversei com um grupo de produtores nas machambas do vale de Infulene e durante a conversa compreendi que os participantes e seus parentes combinam a agricultura com outras actividades como forma de aumentar a sua fonte de renda e de garantia da sua reprodução social.

Para aprofundar minha compreensão sobre o assunto, consultei literatura sobre estratégia de reprodução social no sector Agrícola que agrupei em duas perspectivas. A primeira que analisa a produção agrária familiar de subsistência e de autoconsumo e uma segunda que analisa o sector agrícola a partir do género, e explica o papel das agricultoras na execução das actividades relacionadas à produção.

A literatura analisada sobre estratégia de reprodução social no sector agrícola se por um lado essa literatura permite compreender que o sector agrícola na sua maioria é caracterizado por uma agricultura familiar que pratica agricultura para auto-sustento e familiar, por outro lado ficam por compreender os detalhes sobre o papel dessa agricultura na vida das pessoas e como elas usam-na como estratégia de reprodução social.

Para melhor entender a estratégia de reprodução social, realizei uma pesquisa etnográfica exploratória entre um grupo de produtores do vale de Infulene, informado pelas ideias de Bourdieu (1996). Para Bourdieu a dinâmica social, marcada pela formação das condições de sobrevivências, produz estratégias de reprodução que seria o resultado da articulação de um senso prático e de *um Habitus*, no qual os indivíduos não

constroem as estratégias como desejam, mas como condições quotidianas de sobrevivência, sejam elas social, cultural e económica ou política.

Os dados da presente pesquisa permitem igualmente compreender que os participantes e seus parentes combinam a agricultura com outras actividades como forma de aumentar a sua fonte de renda e de garantia da sua reprodução social.

Compreendi também que o acesso a terra na qual trabalham, é por via de herança aluguer, ou compra de outras pessoas. Compreendi ainda que os produtores desenvolvem estratégias como montar pavês, ser carpinteiro, trabalhar como empregado domestico para produzir, vender seus produtos e aumentar a sua renda, apenas a partir da agricultura ou da combinação com outras fontes de renda.

Os resultados da presente pesquisa podem ser usados para contribuir no debate sobre como os produtores combinam diversas estratégias de reprodução social no seu quotidiano.

O presente trabalho, está organizado em seis partes. Nesta primeira parte, que compõe a introdução, apresento o motivo que levou-me a escolha do tema, a problemática da pesquisa e a estrutura do trabalho. Na segunda parte apresento a revisão da literatura, onde abordo a discussão dos autores sobre o assunto e na terceira parte apresento o quadro teórico e os conceitos adaptados para a realização da pesquisa.

Na quarta parte explico os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. Nesta parte descrevo primeiro o método e as etapas da realização da pesquisa, o processo de recolha de dados, técnica de registo e tratamento dos dados, processo de selecção dos participantes, os constrangimentos ocorridos no decurso da minha pesquisa, a solução desses constrangimentos e o perfil dos participantes.

Na quinta parte analiso os dados recolhidos durante a pesquisa em três secções. Na primeira apresento o processo de produção, na segunda apresento o processo de comercialização e na terceira apresento a estratégia de reprodução social. Na sexta parte do trabalho apresento as considerações finais.

2. Revisão da literatura

Da literatura analisada sobre estratégia de reprodução social no sector Agrícola identifiquei duas perspectivas, das quais a primeira analisa a produção agrária familiar de subsistência e de autoconsumo (Arndt e Bacau 2000; Carneiro 2012; Siteo 2005; Macie 2016) e uma segunda que analisa o sector agrícola a partir do género, e explica o papel das agricultoras na execução das actividades relacionadas à produção (Bolton e White 1973; Cavane 2001; Karam 2004; Liberman 1989).

Um dos autores que subscreve a primeira perspectiva é Siteo (2005), para Siteo (2005) o sector Agrário em Moçambique é constituído essencialmente por pequenas explorações (aquelas que cultivam menos de 5ha), este sector concentre cerca de 99% das unidades agrícolas (3.090.197 unidades familiares) e ocupa mais de 95% da área cultivada do país. A área mediana cultivada pelas pequenas explorações é de 1,3ha contra 6,0ha para as grandes explorações.

Ainda segundo Siteo (2005), a população vive principalmente de actividades agropecuária de pequena escala, comum a heterogeneidade de actividades económicas de geração de rendimentos dentro das famílias. Onde dentro das diferentes actividades de produção de alimentos existe uma diversidade de produtos alimentares praticados, nesta diversidade o milho e a mandioca, ocupam posições preponderantes da área cultivada.

Com uma abordagem relativamente similar Macie e Freitas (2016) ao analisar as características de estações chuvosas em moçambique, Moçambique é um dos países da Africa Austral que a base de sobrevivência da maior parte da população depende da actividade agrícola, sendo que na sua maioria o tipo de agricultura praticada é de subsistência ou familiar, que dependem crucialmente das condições atmosféricas para o seu rendimento.

Com uma abordagem similar com Macie (2016), Cavane (2001) defende que agricultura no sector familiar é caracterizada pela sua sensibilidade por mudanças bruscas e calamidades naturais, desenvolvendo ao longo de tempo estratégia de sobrevivência,

que diferi na velocidade, de produtor para produtor. A explicação de Cavane (2001) permite compreender que na agricultura familiar são criadas estratégias de sobrevivências onde estas estratégias dependem de cada produtor para as mudanças das calamidades.

Diferentemente de Cavane (2001), Carneiro e Thais (2012) explicam que a agricultura familiar é uma prática sustentável e que a principal controvérsia sobre o impacto da agricultura praticada por pequenos agricultores familiares sobre o meio ambiente se refere a especificidades da agricultura itinerante. Todavia, em suas diferentes conformações, as famílias praticam o pousio que consiste em deixar uma parte a área em descanso para recuperar a fertilidade do solo.

Com uma abordagem similar a de Carneiro e Thais (2012), Lamarche e Wanderley (1993), citado por Silva e Hespanhol (2016) defendem que agricultura familiar corresponde a uma unidade de produção Agrícola onde propriedades e trabalhos estão ligados a família.

Bowen (1989) ao analisar agricultura camponesa em Chokwe, explica que o governo ao traçar estratégias decidiu que o desenvolvimento agrícola deveria ter como base as cooperativas agrícolas as quais o governo poderia assegurar o aproveitamento em sementes, outros insumos e a compra de rendimento do camponês tinha que estar organizado em aldeias comunais onde as populações são agregados, porem com isso os camponeses irão continuar a produzir a sua base alimentar dentro de forma organizacional. A explicação de Bowen (1989), compreende que estas estratégias que o governo criou para as pessoas vai facilitar na compra das sementes e outros produtos produzidos pelos camponeses.

Na mesma linha de ideias Bebbington (1999), defende que na agricultura as estratégias de sobrevivências da população baseiam-se na sua maioria na prática de agro-pecuária e estacão de chuvosa e de recursos naturais, o acesso ao emprego nesse contexto fora da agricultura é limitado principalmente nas zonas centro e norte de Moçambique pelo facto do nível de produção ser baixo.

Com a ideia similar a de Bebbington (1999), Arndt e Bacou (2000) afirmam que para avaliar as perspectivas estratégicas de desenvolvimento em Moçambique é preciso também considerar a seca, porém em Moçambique a seca ocorre uma vez a cada 7 anos e nestes anos de seca há uma clara simulação entre chuvas e produção Agrícola.

No geral, a primeira perspectiva permite compreender que na agricultura familiar as pessoas produzem para subsistência e para autoconsumo familiar. Esta perspectiva, perde de vista os contextos em que às pessoas produzem para vender. Também deixa de lado o papel de qualquer outro tipo de actividades que possa gerar ocupação e renda para importantes áreas de estabelecimentos agrícolas do sector familiar.

Diferentemente da primeira perspectiva, a segunda analisa o sector agrícola a partir do género e explica que mulheres agricultoras desempenham papel decisivo na execução das actividades relacionadas à produção.

Um dos autores que subescreve a segunda perspectiva que analisa o sector agrícola, a partir do género e explica que mulheres agricultoras desempenham papel decisivo na execução das actividades relacionadas a produção é Liberman (1989). Este autor explica que dentro do sector familiar a mulher é a principal responsável pela produção agrícola e subsistência familiar. A explicação do Liberman (1989) permite compreender que a mulher exerce um papel muito fundamental de alimentar os filhos, é a pessoa que esta directamente envolvida a nível da obtenção de culturas, de preparação e de entrega do alimento familiar.

Com uma abordagem similar a de Liberman (1989), Geffray (1990) explica que, em contextos matrilineares, a mulher constitui a principal força de trabalho agrícola dentro de agregado familiar onde ela é considerada como a principal fornecedora de alimentos, o poder para administrar os produtos nos celeiros é reconhecido a mulher como sendo ela quem decide e controla as quantidades que devem ser verificadas.

No seu estudo sobre o papel da mulher na produção agrícola orgânica, Karam (2004) constatou que as mulheres tinham protagonismo no processo da conversão da produção agrícola convencional para orgânica e os homens da família quando perceberam os resultados obtidos, tanto na produção como na renda eles passaram a assumir um papel

mais decisivo no processo de produção. A explicação de Karam (2004), permite compreender que mesmo com as actividades que as mulheres fazem no campo de trabalho elas são colocadas como inferiores e o homem passa a assumir o controlo das actividades da família.

Diferentemente Karam (2004), Herrera (2013) explica que mesmo com actividades voltadas para o fim produtivo da agricultura designada geralmente como masculina, a mulher é vista como uma ajudante e recebe baixa remuneração pelo seu trabalho as actividades feitas por elas são vistas como intrínsecas as suas atribuições de mãe e esposa. A explicação de Herrera (2013) permite compreender que na produção agrícola a mulher recebe valores baixos porque ela é vista com os homens por causa das atribuições que a mulher tem como dona de casa.

A segunda perspectiva permite perceber que a mulher é que desempenha um factor preponderante na produção agrícola, enquanto os homens vão a procura de emprego a mulher fica a cuidar da família.

De modo geral, se por um lado a literatura analisada permite compreender que o sector agrícola na sua maioria é caracterizado por uma agricultura familiar que pratica agricultura para auto-sustento e familiar, por outro lado ficam por compreender os detalhes sobre o papel dessa agricultura na vida das pessoas e como elas usam-na como estratégia de reprodução social.

3. Quadro teórico e conceptualização

3.1. Teoria

Para a teorização deste trabalho uso a ideia de estratégia de reprodução social apresentada por Bourdieu (1996). Para Bourdieu a dinâmica social, marcada pela formação das condições de sobrevivências, produz estratégias de reprodução que seria o resultado da articulação de um senso prático e de *um Habitus*, no qual os indivíduos não constroem as estratégias como desejam, mas como condições quotidianas de sobrevivência, sejam elas social, cultural e económica ou política.

Essas ideias permitem perceber como os participantes do presente estudo constroem suas estratégias para sua sobrevivência de acordo com as suas condições de vida.

3.2. Conceptualização

Nesta parte de trabalho apresento e explico os conceitos usados neste trabalho, onde usei os conceitos como reprodução social, estratégia, parentesco e trabalho.

Estratégia

Para Roberts (1994) estratégias são mecanismos que guiam os indivíduos de uma família na procura de bem-estar, na sobrevivência e na mobilidade social, onde os indivíduos são influenciados por normas sobre as obrigações dos membros, das quais estas são partilhadas quanto as prioridades da família.

Com uma ideia similar de Bourdieu (1996) refere estratégia como sendo um conjunto de acções dos agentes sociais na busca de perspectivas e soluções dadas pelo universo onde se encontram inseridos, conceito que uso neste trabalho.

Reprodução social

Neste trabalho adopto a ideia de reprodução social apresentada por Bourdieu e Passeron (1970), que a definem como sendo a forma que as pessoas adoptam para garantir a sua existência e continuidade social, condicionadas pelo contexto onde estão.

A reprodução social na agricultura pode ser compreendida por varias lentes, algumas delas multifocais, isto é abrajem um aspecto maior e interligado, onde as formas de

actuação dos autores, tomando como pressuposto o futuro desenvolvimento da família, podem ser múltiplas. As vezes, se poderão ter linhas teóricas que envolvem uma análise das famílias agricultoras pelo uso do conhecimento técnico como estratégia, outros elementos que explicam a sua reprodução social vinculado a questão estritamente sociológicas, ou ainda antropológicas

Parentesco

Para Lévi-Strauss (1908) citado por Claude Riviêre (1995), define o parentesco como sendo um sistema de comunicação e de troca entre estatutos e papéis sociais, de acordo com um princípio de reciprocidade, é o conceito que uso neste trabalho.

4. Procedimentos Metodológicos

Nesta parte de trabalho apresento os procedimentos metodológicos usados para a realização da pesquisa. A partir dos métodos e técnicas de recolha de dados, processo de recolha de dados, técnica de registo, tratamento e análise de dados, processo de selecção de participantes, como também os constrangimentos no processo da elaboração da pesquisa e as formas como os superei.

4.1. Métodos e técnicas de recolha de dados

A presente pesquisa é etnográfico exploratório. Realizei a pesquisa em três etapas, na primeira etapa fiz a revisão da literatura, recolha de dados exploratórios, e por último sistematização e análise dos dados.

Na primeira etapa da pesquisa procurei literatura relacionada com agricultura, experiencias na agricultura suas estratégias, na biblioteca central Brazão Mazula, no departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane e na internet. Na segunda fiz a recolha dos dados exploratórios onde mantive em contacto com um grupo de produtores que praticam actividade agrícola nas machambas do vale de Infulene na província de Maputo e na terceira etapa analisei os dados recolhidos no campo de pesquisa.

4.2. Processo de recolha de dados

Para a realização da pesquisa, usei o método etnográfico exploratório que permitiu-me presenciar de perto o quotidiano dos produtores do vale de Infulene.

Realizei a pesquisa nas machambas do “Vale do Infulene A” no bairro da Machava. Nos meses de Julho de 2017 a Junho de 2019, recolhi dados com base na observação participante, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas.

Quanto a observação, fiz na machamba do Vale do Infulene, na paragem 2M onde eles ficam reunidos a vender. Durante o trabalho, observei o que os produtores faziam, ouvi o que conversavam. No meio da semana observei os agricultores enquanto trabalhavam no período das nove as 12 e no final de semana observei os agricultores enquanto trabalhavam e enquanto atendiam os clientes no período das 6hs as 12hs. Durante a observação obtive informação sobre as actividades que eles desempenham.

Ainda durante a observação no meio de semana conversava com alguns agricultores e no final de semana conversava com todos agricultores e clientes. Nessas conversas, procurei saber a trajectória deles da vida, como tiveram conhecimentos sobre as machambas e suas experiências antes de chegar nas machambas e depois de chegarem nas mesmas.

Nas referidas conversas percebi que alguns participantes saíram doutras províncias para Maputo a procura de melhores condições de vida e outros já vinham trabalhando nas machambas.

4.3. Técnica de registo, tratamento e análise de dados

Para a presente pesquisa utilizei como técnica, a observação directa, entrevistas semi-estruturadas individuais e as conversas informais que permitiu-me ouvir a história de vida dos participantes de estudo.

Durante o trabalho, usei um diário de campo, no qual anotava o que observava e também anotava as conversas com os participantes. Com essas informações que obtive e as anotações do diário de campo permitiram-me perceber as actividades que eles fazem. Em outras vezes em que não podia escrever directamente no caderno na hora da conversa, utilizava o meu gravador do telefone e quando chegava a casa passava as

gravações para o meu diário de campo. De seguida passava as referidas notas para o computador onde organizava as entrevistas para posterior análise.

Organizei os dados em três secções nas quais analiso estratégia de reprodução social dos participantes e no final de cada secção discuto os resultados com a literatura analisada sobre o assunto.

Nesta pesquisa todos os nomes dos participantes são verdadeiros e uso assim porque os participantes deixaram essa liberdade de colocar os seus próprios nomes e permitiram também que tirasse fotografias.

4.4. Processo de selecção de participantes

Para a selecção dos participantes desse trabalho visitei com frequência as machambas do vale de Infulene e fui observando o seu quotidiano, e escutei as conversas deles sobre experiencias deles. De seguida identifiquei três participantes, o primeiro participante recusou-se em conversar alegando que não sabia falar português. O segundo disse que era novo e estava a fazer biscoitos e não sabia nada sobre o funcionamento. Ao terceiro participante, antes de começar a conversa, abordei-lhe de que, tratava-se de um trabalho da escola e que consistia na recolha de informações sobre as actividades que eles fazem e ele aceitou e disse que poderia ajudar a encontrar outros participantes.

Enquanto conversava apareceu uma pessoa e perguntou se eu queria alguma coisa para comprar e eu expliquei que estava a fazer um trabalho da faculdade sobre as actividades que eles fazem e gostava que fizesse parte da minha pesquisa e ele aceitou.

4.5. Constrangimento no processo de recolha de dados

Durante o trabalho de campo identifiquei três constrangimentos. O primeiro foi logo no primeiro dia que cheguei ao campo de pesquisa, não sabia como dirigir-me aos agricultores porque todos estavam a trabalhar e eu apenas caminhava e olhava nas machambas. Enquanto caminhava encontrei dois produtores com enxada na mão e um terceiro sentado. O que tinha a enxada nas mãos saudou-me e perguntou se eu queria alguma coisa eu parei e conversamos. A partir da conversa com ele fiquei mais a vontade para falar com os outros agricultores e na conversa fiquei com o número de telefone dele a partir do qual contactava-o para marcar encontros seguintes.

O segundo constrangimento foi o facto de encontrar pessoas que recusavam a conversar e diziam que não sabiam falar português, não tinham tempo, eram empregados e não tinham nada para falar e outros duvidavam que eu fosse estudante. Mas depois de alguns minutos o primeiro jovem com quem falei explicou as pessoas qual era o meu propósito e usei o meu cartão de estudante para provar que era mesmo estudante. A partir desse momento aceitaram conversar comigo.

O terceiro constrangimento surgiu quando deparei-me com algumas participantes que só falavam a Ci-changana. Para conversar com elas contei com a colaboração de um agricultor que servia de interprete e assim conversei com as senhoras.

4.6. Perfil dos participantes

A tabela a baixo mostra o perfil dos jovens agricultores que participaram da pesquisa.

Participante Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Estado civil	Província	Anos de trabalho
António	32	Camponês	Médio	Casado	Inhambane	16
Januário	30	Camponês	Analfabeto	Solteiro	Gaza	11
Arnaldo	34	Camponês	Analfabeto	Casado	Inhambane	27
Samuel	46	Produtor	Primário	Solteiro	Inhambane	5
Elisa	23	Produtora	Primário	Solteira	Inhambane	6
Ernesto	31	Camponês	Analfabeto	Casado	Gaza	13
Albino	22	Estudante	3º jornalismo	Solteiro	Gaza	3
Alexandre	30	Camponês	Analfabeto	Casado	Inhambane	11
Madalena	40	Camponesa	Analfabeta	Casada	Inhambane	26
Sérgio	34	Camponês	Analfabeto	Casado	Maputo	17
Manuel	28	Camponês	Analfabeto	Solteiro	Zambézia	5

No geral participaram onze produtores das machambas de vale de Infulene, nove de sexo masculino e duas de sexo feminino, proveniente de diversas províncias de Moçambique. Os nomes dos meus participantes são verdadeiros pois eles deixaram essa liberdade.

5. Estratégia de reprodução social entre produtores no vale de Infulene

Nesta parte de trabalho apresento o local onde foi feita a pesquisa e analiso os resultados da pesquisa em três fases: Na primeira apresento o processo de produção, na segunda apresento o processo de comercialização e na terceira apresento a estratégia de reprodução social.

5.1. Localização e caracterização da área da pesquisa

Nesta parte de trabalho, apresento o local onde realizei a minha pesquisa. Realizei a pesquisa nas machambas do vale de Infulene, na província de Maputo (Fig. 1).

Fig. 1. Imagem aérea da zona onde recolhe dados



Fonte: Eufrazia de Arminda José- adaptado Google maps-17.08.2019

O Vale do Infulene está localizado a 5 km da cidade de Maputo, no posto administrativo da Machava, do município da Matola, na Província de Maputo, no Sul de Moçambique. Tem como limites a Norte o bairro de Patrice Lumumba, a Oeste o bairro da Machava sede e o vale de Infulene, a Sul o bairro trevo, a Leste situa-se um riacho que é a continuação das águas do vale e o bairro acordos de Lusaka.

5.2. Acesso e uso de espaço de produção

Nesta parte de trabalho apresento o acesso de espaço dos participantes, onde percebi que uma das formas das quais os participantes adquirem o espaço é através dos familiares como mostra o exemplo a baixo,

“Esta machamba era dos meus pais e eu trabalhava com eles desde a minha infância, mas em 2009 eles decidiram voltar para casa lá em Inhambane onde tem grandes machambas nossas, deixando o espaço para nós, eu e o meu irmão mais velho, desde aquele ano até hoje ficamos aqui a cultivar, em 2012 o meu irmão foi comprar um outro espaço no estádio da Machava e eu fiquei aqui a cultivar sozinho as vezes nos finais de semana a minha esposa quando esta livre ela vem me ajudar” (Januário, 30 anos camponês da machambas do vale de Infulene, residente no bairro do jardim, entrevista semi-estruturada, 14. 03. 2019).

Este exemplo permite compreender que o Januário conseguiu o espaço através dos seus pais e ele vem trabalhando com o seu irmão ate então. Os indivíduos adquirem espaço através dos pais que passam-no para os seus filhos para dar a continuidade assim sucessivamente. A Elisa contou a sua história sobre o acesso ao espaço,

“Esta machamba é dos meus sogros, ele emprestou-nos a dois anos atras e desde esse tempo ate hoje eu e o meu marido é que cultivamos aqui, para ter esse espaco, eu quando estava grávida passei a viver com os meus sogros e nessa altura meu marido não fazia nada então o meu sogro lhe disse que poderia vir trabalhar aqui para sustentar a esposa dele.” (Elisa, 23 anos, domestica, residente no bairro de Manduca, entrevista semi-estruturada, 27.03.2019).

Elisa explicou que conseguiu o espaço através dos seus sogros que emprestaram ao seu marido. A explicação da Elisa permite compreender que para além dos indivíduos que oferecem as suas terras aos seus filhos os tios e amigos também emprestam os seus espaços aos seus sobrinhos como uma forma de ajudar.

A outra modalidade através da qual os participantes adquiriram o espaço é a compra. Samuel contou como obteve o espaço onde ele trabalha,

“Eu era trabalhador de algumas machambas aqui em 1993-1998, mas depois abandonei e fui vender alguns produtos na África do Sul, em 2000 voltei da África do sul e voltei a trabalhar nas machambas das pessoas aqui na 2M, mas ao andar do tempo acabei comprando algumas machambas através do meus patrões e outras machambas comprei com uns amigos que estavam a vender, e estas machambas que eu estou regar é minha, ela não tinham dono na altura era rio e crescia caniço e ninguém queria vir para aqui e eu como precisava de mais machambas acabei arranjando o espaço e hoje esta aqui e todo mundo gosta quando vem porque é o espaço que eu produzo boa couve por causa da localização, até hoje tenho cerca de 28 canteiro” (Samuel, 46 anos, produtor, residente no bairro da Patrice Lumumba, entrevista semi-estruturada, 27.03.2019).

A explicação do Samuel permite compreender que, os trabalhadores das machambas da 2M com andar do tempo eles acabam comprando um espaço e passam a trabalhar por conta própria.

Outros participantes alugam os espaços, tal como é o caso do Arnaldo que contou o seguinte,

“Eu andava a procura de emprego e num certo dia encontrei-me com um amigo e me disse que precisavam de alguém que possa alugar algumas machambas aqui na 2M, porque os donos iam se mudar para Boane então para não perder o espaço preferiram dar alguém para alugar e eu vim alugar isso em 2013 até hoje, quando vim eu não sabia nada sobre machamba mas como queria fazer qualquer coisa para conseguir dinheiro aceitei a proposta e hoje eu aprendi a cultivar, cada canteiro pago 50 meticais por mês” (Arnaldo, 34 anos, camponês, residente no bairro do Inhagoia, entrevista semi-estruturada, 09.04.2019).

A explicação do Arnaldo permite compreender que ele andava a procura de emprego e através de um amigo conhecido ele conseguiu um espaço na machamba onde ele está a capinar e essa machamba ele esta a arrendar por mês 50 meticais. Com uma explicação similar, Madalena coutou como obteve os espaços,

“Eu estou a alugar esse espaço a três anos, mas também tenho minhas machambas em Boane, mas por ser longe eu não conseguia ir lá sempre também porque os produtos que eu produzo lá são de regime periódico, e por passar por varias dificuldades na minha casa então acabei procurando um espaço para trabalhar aqui perto da minha casa e como minha vizinha tem machambas aqui ela disse que tinha alguns canteiros que la poderia emprestar que no final do mês tinha que pagar 500” (Madalena, 40 anos, domestica, residente no bairro de Inhagoia, entrevista semi-estruturada, 09.04.2019).

A explicação da Madalena permite compreender que ela tem uma machamba no distrito de Boane mas por ser distante e pelas dificuldades que ela enfrenta com a sua família acabou alugando uma machamba no vale de Infulene, onde poderia ter facilidade de capinar sempre. A explicação da Madalena permite compreender que os produtos que ela cultiva no vale de Infulene são de curta duração.

Com base nos dados apresentados nesta secção, percebi que os participantes adquirem o espaço através dos amigos que já vinham vivendo aqui na cidade de Maputo, outros por via de herança dos pais (familiares), outros alugam e outros adquirem com os próprios donos das machambas.

5.3. O processo de produção

Dos dados analisados percebi que existem três tipos de intervenientes na produção a saber agricultor, trabalhador e o cliente.

Quanto aos agricultores identifiquei dois tipos de agricultores, donos da machamba e agricultores rendeiros do espaço. Os donos da machamba estão divididos em duas partes, uns produzem sozinhos com ajuda da sua família e outros contratam trabalhadores para produzir em suas terras.

Entre os trabalhadores identifiquei dois tipos de trabalhadores, primeiro trabalhador diário aquele que trabalha um dia e não tem contrato com o dono da machamba e trabalha quando o dono esta ali e outro trabalhador contratado para trabalhar nas suas machambas e recebe mensalmente um valor que eles combinam.

Por ultimo encontramos os clientes, nos clientes identifiquei três tipos a saber, clientes que vão directamente as machambas e fazem negociação directamente com os agricultores, há outros clientes que vem de carro e param na estrada e os trabalhadores vão negociar com eles lá mesmo e os outros o agricultor tem os seus clientes e quando os produtos estão prontos o dono liga para o cliente e eles vem comprar.

A área de trabalho está dividida em canteiros, onde as pessoas trabalham e fazem o plantio. Para a produção, o processo inicia com a preparação da terra e dos canteiros

Fig. 2. Agricultor na preparação dos canteiros



Fonte: Eufrazia de Arminda Jose. Vale de Infulene, 09.05.2019.

A imagem representa um agricultor, o dono da machamba, com enchada nas mãos a preparar os canteiros para depois semear a couve. Um outro exemplo sobre o processo de preparação da produção foi partilhado por Albino que contou o seguinte,

“Quando quero plantar a couve, primeiro preparo os canteiro o número depende dos viveiro que tenho, depois coloco adubo para fertilizar a terra e no dia seguinte coloco os viveiros da couve fico a regar durante uma semana, na segunda semana coloco o medicamento que é para evitar com que os caracóis e outros tipos de insectos ataquem os produtos depois fico a regar até 15 dias de seguida, coloco medicamento mais uma vez e rego durante duas semana ou até os produtos ficarem prontos para serem

consumidos e entrar no mercado'' (Albino 22 anos, camponês, residente no bairro de T3, entrevista semi-estruturada).

A explicação do Albino, permite compreender que prepara os seus canteiros antes da plantação e depois da plantação ele fica a tratar durante um mês, colocando adubos para as hortícolas crescerem bem e também colocando medicamentos para afugentar as pragas que atacam na couve perante o percurso do crescimento da produção. A explicação do albino permite compreender que no acto da produção eles regam duas vezes ao dia e para os produtos serem consumidos devem esperar mais dez dias depois de ser colocado o medicamento. Explicação similar é partilhada pelo Samuel, no trecho a seguir,

“Na minha machamba, trabalhamos três pessoas eu e os meus trabalhadores, na preparação do espaço, primeiro capinamos e basta acabar um fica a regar os canteiros enquanto o outro organiza os viveiros, e eu fico a nivelar os canteiros para ser mais rápido, depois colocamos viveiros couve ou alface e deixo eles a regarem, depois de 3 dias coloco medicamento mas isso depende do desenvolvimento da hortícola” (Samuel, 46 anos, agricultor, residente no bairro da Patrice Lumumba, entrevista semi-estruturada, 11.10.2018).

A explicação do Samuel permite compreender que, para produzir nas machambas dele, trabalha com os trabalhadores, e para plantar eles ajudam se onde quando um capina outro rega enquanto o dono da machamba fica a nivelar os canteiros. No final todos trabalham na plantação. Elisa conta sua trajectória para produzir, tal como podemos ver na explicação seguinte,

“Existem pessoas que para além de vender as hortícolas já prontas também fazem canteiros para colocar viveiro para vender, para eu produzir nas minhas machambas primeiro vou comprar os viveiros de couve e alface de seguida depois arranjo os canteiros faço alinhamento dos canteiros faço os riscos para colocar as hortícolas em linha, de seguida coloco as hortícolas depois das hortícolas pegarem bem coloco adubo para evitar que os bichos venham comer e estragar a produção, de seguida é só controlar e regar de manhã e atarde até chegar uma fase que as hortícolas devem ser

consumidas'' (Elisa, 23 anos, doméstica, residente no bairro de Manduca, entrevista semi-estruturada, 11.10.2018).

A explicação da Elisa permite compreender que existem pessoas que só fazem viveiros para vender nas pessoas que querem produzir, permite compreender que para ela produzir, ela compra os viveiros e planta nas suas machambas. Diferentemente da explicação da Elisa, Alexandre explica o seguinte.

“Na minha machamba eu produzo só a couve, isso porque a couve tem mais rendimento, as vezes coloco um pouco de alface, cebola, beterraba para eu consumir para produzir primeiro compro os viveiros na casa de sementes outras sementes meu amigo traz da África do Sul e vende para mim, depois faço canteiro para espalhar as sementes e espero 30 dias para transplantar, enquanto isso fico a preparar os canteiros onde vou colocar os viveiros depois planto os viveiro e fico a controlar durante um mês até ficar pronta para ser consumida nesse processo tenho que controlar, regar sempre e colocar os medicamentos depois de colocar os medicamentos tenho que esperar 15 dias para poder consumir e outra parte vender” (Alexandre, 30 anos, camponês, residente no bairro do jardim, entrevista semi-estruturada, 13. 2018).

A explicação do Alexandre permite compreender que para ele produzir compra as sementes nas loja e outras sementes compra através de um amigo dele que traz da vizinha África do Sul. Permite compreender também que ele só cultiva a couve porque é que lhe dá rendimento no mercado. Para além da couve ele também planta cebola em pequenas quantidades para o consumo dele.

No geral os agricultores do vale de Infulene tendem a produzir alface e couve,

“As machambas estão divididas em canteiro e cada um conhece a sua machamba, na minha machamba cultivo dois tipos de cultura a alface e a couve, mas muitas vezes eu planto alface porque sou leva 30 dias e a couve leva 60 dias e isso me prejudica muito, quando comecei a capinar comprei os viveiro com uma vizinha que sou faz viveiros para vender e ao andar do tempo passei a comprar na loja que esta depois da ponte do rio Infulene” (Januário, 30 anos, camponês, residente jardim, entrevista semi-estruturada, 03.06.2019).

Com a explicação do Januário permite compreender que, ele produz dois tipos de cultura nos seus canteiro e desses dois tipos de cultura que ele se refere, a cultura de produz mais a cultura de alface em relação a couve isso porque a alface leva poucos dias para ser consumidos diferentemente da cultura da couve, permite compreender também que ele compra as sementes para o plantio. Ernesto partilhou na sua estória o processo do uso do espaço,

“No uso do espaço eu procuro alguém para capinar e eu pago no final do mês, a pessoa é responsável das minhas machambas e eu só venho controlar as vezes também trabalho, eu gosto de plantar a couve porque tem lucro as vezes coloco também o alface mas não é para venda eu coloco só para consumir e um pouco de pimento e um pouco de cebola mas para o consumo, antes de ter muitas machambas eu comprava viveiro, mas agora compro sementes e faço os meus próprios viveiros, a couve leva muito tempo para sair, mas tem lucro porque o canteiro de alface e couve a couve é mais cara no mercado” (Ernesto, 31 anos, camponês, residente no bairro de Xipamanine, entrevista semi-estruturada, 03.06.2019).

A explicação do Ernesto permite compreender que contratou trabalhadores para trabalhar na machamba dele e no final do mês ele paga. Permite compreender que nas machambas dele só cultiva a cultura da couve e outros produtos como a cebola, alface ele cultiva em pequenas quantidades para o consumo da família, e as sementes eles vão comprar e outras eles produzem. Diferentemente do Ernesto, Sérgio explica o seguinte,

“Eu trabalho por conta própria e trabalho sozinho, nas minhas machamba cultivo um pouco de tudo e eu conheço os meus canteiros, as sementes eu faço pessoalmente as vezes meu irmão quando vai a África do Sul traz para mim, não tenho tempo determinado para tirar as hortícolas tiro e coloco outra cultura dependendo do tempo que as hortícolas estão prontas ou não, a couve as vezes tiro cedo por ter medo os gafanhotos que comem nela” (Sérgio, 34 anos, camponês, residente no bairro de Inhagoia, entrevista semi-estruturada, 09.06.2019).

A explicação do Sérgio permite compreender que na machamba dele trabalha sozinho e cultiva várias culturas onde umas são para consumo dele e outras culturas são para a

venda, e quando planta a couve ele tira cedo por causa das pragas que podem afectar a hortícola.

Dos dados analisados nesta secção percebi que para os participantes usam varias formas de produção. Uns compram os viveiros com algumas pessoas que fazem viveiro dentro da machamba e os outros compram as sementes nos mercados e plantam pessoalmente até ficarem prontos para plantar na machamba onde reproduzir. Depois usam adubos para fertilizar a terra e tirar bons produtos e aplicam medicamentos para evitar com que as hortícolas sejam atacadas com gafanhotos ou outro tipo de praga que pode prejudicar a produção.

5.3.1. Comercialização dos produtos da machamba e intervenientes no processo de comercialização

Nesta parte de trabalho apresento o processo de venda das hortícolas depois de serem produzidos. Depois da produção os participantes colhem os produtos para venda ou consumo (Fig. 3).

Fig. 2. Trabalhador a colher a couve para vender



Fonte: Eufrazia de Arminda José. Vale de Infulene, 09. 05.2019

A imagem apresenta um trabalhador a colher couve para vender.

Uma vez colhidos os produtos estes são colocados à venda a partir de três modalidades, onde na primeira os clientes vão diretamente nas machambas, na segunda os clientes param na estrada e mandam alguém para comprar e trazem e por último os donos da machamba ligam para os seus clientes e eles vêm comprar.

“Eu tenho meus clientes, quando eu sinto que os meus produtos faltam uma semana para a colheita eu ligo para os meus clientes e informo que tenho couve ou alface dependendo do produto que tenho depois eles marcam um dia e a hora e vêm comprar e para além dos meus clientes também tem pessoas que vêm da cidade querendo comprar eles entram nas machambas e perguntam se a couve está à venda ou não se estiver à venda nos determinamos um preço negociável de modo a convencer o cliente a comprar” (Samuel, 46 anos, agricultor, residente no bairro da Patrice Lumumba, Entrevista semi-estruturada, 12.05.2019).

Com a explicação do Samuel permite compreender que apesar das pessoas que vêm à procura dos produtos para comparar as hortícolas ele também tem seus clientes fixos que vêm só quando ele chama e às vezes eles ligam a perguntar se tem produtos prontos e encomendam através dos canteiros que eles marcam e o dono da machamba reserva os canteiros. Januário partilhou também como faz para vender as suas hortícolas depois da produção,

“Eu não tenho clientes fixos os meus produtos vendo para as pessoas que vêm dos vários mercados e procuram couve ou alface para comprar e ir revender nos mercados, quando chegam aqui colocam um saco no canteiro que quer como forma de marcar e evitar outra pessoa vir e marcar no mesmo sítio, depois de marcarem eles perguntam se as hortícolas estão prontas para vender depois eu falo o meu preço e eles compram. Existe o caso também deles virem e dizerem por exemplo eu só tenho 500 meticais para essa couve e eu por saber que tenho que vender pouco para aumentar 50 meticais se o cliente negar vendo a este preço que ele disse, isso também é uma forma de reconquistar o cliente para amanhã voltar a comprar os meus produtos se eu negar ele vai comprar com outras pessoas e neste caso posso correr o risco de perder os meus produtos por crescer de mais ou mesmo serem atacados com pragas” (Januário, 30 anos, agricultor, residente no bairro de Jardim, entrevista semi-estruturada, 16.06.2019).

A explicação do Januário permite compreender que não tem clientes fixos para liquidar seus produtos que ele produz, mas mesmo assim as pessoas vem comparar com ele e ele trata bem as pessoas de modo que ele possa convencer a voltar outro dia. A semelhança do Januário, Sérgio explica o seguinte,

“As pessoas dos mercados vem a procura dos produtos para comparar, eles chegam e entram nas machambas e procuram saber se tem couve ou alface para vender e nos como donos devemos trata-los bem para que ele possam voltar num outro dia, tem casos de pessoas que não gostam de entrar nas machambas com carros e param na estrada e os meus trabalhadores vão ter com eles e combinam um valor o trabalhador determina um preço a mais da quilo que eu pedi eu posso pedir 500 ele quando chegar lá vai dizer 60 e ou 100 meticais ficam para ele a” (Sérgio, 34 anos, camponês, residente no bairro de Inhagoia, entrevista semi-estruturada, 09.06.2019).

A partir da explicação do Sérgio permite compreender que os trabalhadores dele ajudam-lhe a fazer a venda dos produtos no caso das pessoas que não querem comprar e não entrar nas machambas para observar e comprar a quantidade que quer e os trabalhadores vão negociar com eles e eles falam o preço do produto e pagam lá mesmo sem precisar de entrar nas machambas.

Dos dados apresentados nesta secção compreendi que existem três formas de vender os produtos produzidos por eles primeiro existem clientes que vão até as machambas e quando chegam colocam saco como forma de marcar o espaço depois negociam o dono da machamba depois e tem outros clientes que não precisam de entrar nas machambas estacionam na estrada e os trabalhadores vão atrás dele para procurar saber se querem alguma coisa ou não e por ultimo tem pessoas que já criam laços de familiaridade essas pessoas já tem contacto directo com os donos da machamba e quando os produtos estão prontos o dono da machamba liga e informa que já tem produto e o cliente vem comprar as vezes o cliente também liga para saber se tem produtos a venda.

A partir dos dados analisados nesta secção, compreendi que, existem três tipos de categorização no processo de venda dos intervenientes, onde encontramos os donos da machamba e esses donos, uns trabalham pessoalmente e outros contratam trabalhadores, encontramos o trabalhador que é contratado e trabalha diariamente e outro que trabalha

mensalmente e por último os clientes que vem comprar quando as hortícolas estão prontas para serem vendidas nos vários mercados.

A partir dos dados analisados, compreendi que os participantes usam quatro formas de estratégias de reprodução social. Primeiro que é a agricultura e para eles trabalharem na machamba do vale de Infulene, uns são contratados e outros saem das províncias a procura de emprego e para trabalhar nas machambas eles conseguem através dos seus pais, seus patrões e amigos conterrâneos. A segunda estratégia, eles trabalham como carpinteiros, pescador, montador de pavês e motobombas, empregados doméstico e vendedor, percebi também que outros produtores têm a agricultura como o primeiro emprego. A terceira estratégia é a produção onde percebi que para eles produzirem antes eles preparam o terreno, depois colocam adubos um dia antes da plantação, depois da plantação os produtos são regados durante quinze dias depois colocam medicamentos que é para eliminar as pragas que afectam a plantação

5.4 Estratégia de reprodução social dos produtores

Nesta parte de trabalho apresento a estratégia de reprodução social dos participantes, onde entendi que existem dois grupos de produtores, uns que já vinham trabalhando e vieram acrescentar e outros que não trabalhavam.

5.4.1. Estratégias de Produtores antes de começar a trabalhar nas machambas

Nesta parte do trabalho apresento as estratégias que os participantes usavam para sua reprodução social antes de começarem a trabalhar nas machambas. Onde percebi que antes de trabalharem nas machambas os participantes trabalharam como pescadores, empregados doméstico e comerciantes. Um dos exemplos sobre o assunto foi partilhado por Albino que contou o seguinte,

“Em Inhambane eu era pescador, trabalhava com meu irmão para sustentar a minha família, mas depois de um tempo preferi deixar porque aquela altura morria-se muito no mar, depois comecei a vender coco de Inhambane para Maputo, vendi durante dois anos, depois preferi vir procurar outro tipo de trabalho aqui na Cidade de Maputo”

(Albino, 22 anos, camponês residente no bairro de T3, entrevista semi-estruturada, 12.08.2019).

A semelhança de Albino, Samuel, cidadão igualmente proveniente da Província de Inhambane, conta a sua estratégia de reprodução social antes de começar a trabalhar nas machambas do vale de Infulene nos seguintes termos:

“Eu vivia em Inhambane com a minha mãe ela era vendedeira de peixe e no mercado de Inhambane Ceu e eu ajudava a ela a vender, depois sai de Inhambane para Maputo a procura de emprego e quando cheguei aqui comecei a trabalhar como empregado domestico, com o dinheiro que ganhava eu conseguia pagar a casa que estava a arrendar no bairro de Inhagoia outro dinheiro servia para comprar algo para eu comer, ao andar do tempo fui contratado com uma senhora que tinha suas macambas aqui no vale do Infulene e passei a trabalhar com ela por volta de 4 anos ” (Samuel, 46 anos, Agricultor e taxista, residente Patrice Lumumba, entrevista semi-estruturada, 03.06.2019).

A partir desta conversa compreende que o Samuel vivia através de negócio de peixes que a mãe vendia. Ele ajudava a mãe a vender e ao andar do tempo veio para Maputo procurar emprego, compreendi também que ele trabalhou como empregado domestico que lhe ajudava a pagar a casa que ele vivia quando chegou. A Elisa também contou-me a sua história antes de começar a trabalhar nas machambas do vale de Infulene tal como mostra o exemplo a baixo:

“Em Inhambane eu vivia com a minha mãe fazíamos bolinhos de sura e dividíamos com a minha mãe ela ia vender no mercado e eu vendia na porta da minha casa as vezes trocávamos ela ficava em casa e eu ia para o mercado, trabalhei no salão no salão, trançava menchas e cabelo, com esse dinheiro eu a ajudava a minha mãe a comprar material de bolos e ela conseguia dinheiro suficiente para o nosso consumo e para pagar a escola dos meus irmãos ” (Elisa, 23 anos, empregada domestica, residente no bairro de Manduca, 26.03.2019).

A explicação da Elisa permite compreender que vendia bolinhos para ajudar a mãe na sustentabilidade da família e pagar a escola dos seus irmãos. Ela trabalhava no salão

onde trançava cabelos, menchas. Permite compreender também que ela vendia bolinhos no mercado porque lhe facilitava o negócio dela por causa das pessoas que vão para lá vender outros produtos e outras que vão para fazer compras.

Com uma história diferente da Elisa, Arnaldo conta a sua experiência da seguinte maneira:

“Em Gaza eu vivia com a minha mãe e meu irmão, eu era revendedor de cocos comprava cocos em Inhambane e vendia na estrada nacional numero 1 onde passavam carros com pessoas que viajavam, e as vezes eu ia ajudar a minha mãe na machamba, para além de coco eu vendi também Tangerinas Laranjas quando chegava a época das frutas, eu nunca trabalhei para alguém sempre fiz os meus próprios negócios” (Arnaldo 34 anos, agricultor, residente no bairro de Jardim, entrevista semi-estruturada, 16.09. 2019).

Este exemplo permite compreender que Arnaldo vendia cocos para a sua subsistência e vendia na estrada porque era lá onde passavam muitos clientes, vendia vários produtos da época como Tangerinas e Laranjas mais o trabalho principal dele era vender cocos. O Arnaldo nos finais de semanas ajudava a mãe nos trabalhos da machamba. Permite compreender também que ele sempre trabalhou por conta própria.

“Antes de minha mãe voltar para província de Gaza eu e meu irmão ajudávamos a nossa mãe a capinar e com o dinheiro que nós ganhávamos conseguíamos pagar a casa que estávamos alugar e outro dinheiro a minha mãe usou para construir a casa dela em Chibuto quando a casa acabou ela mudou para lá e nos ficamos aqui a trabalhar até hoje” (Januário 30 anos, agricultor, residente no bairro de Jardim, entrevista semi-estruturada, 16.09. 2019).

A citação acima permite compreender que este participante vem desde há muito tempo trabalhando na machamba e com o dinheiro que eles ganhavam conseguiam pagar a casa onde eles viviam e com andar do tempo com mais dinheiro eles conseguiram construir a casa da mãe em Chibuto e a mãe acabou mudando para lá e eles ficaram aqui na cidade de Maputo a dar continuidade das machambas.

No geral, os dados analisados nesta secção permitiram-me compreender que os participantes antes de virem para cidade de Maputo, viviam na base da venda dos produtos que fazia como os bolinhos de sura que vendia no mercado e alguns vendia cocos na estrada e outros negócios, os participantes ajudavam os seus pais e desenvolviam actividades pesqueiras, alguns trabalhavam na machamba dos pais, e outros não tinham nenhuma actividade apenas dependiam dos familiares.

5.4.2 Estratégias de Produtores depois de começar a trabalhavam na machamba

Nesta parte apresento a estratégia que os participantes usam depois de começar a trabalhar na machamba do vale de Infulene. Onde compreende que para além da agricultura eles desempenham outras actividades como forma de estratégia de sobrevivência.

Um dos exemplos sobre o assunto foi partilhado por Albino que contou o seguinte,

“Antes de entrar nessas machambas eu não fazia nada, um dia meu amigo me disse que precisavam de trabalhadores aqui e eu vim trabalhar aqui e até hoje estou aqui, agora consigo dinheiro através dessas machambas, quando cheguei aqui comecei a trabalhar numa machamba de uma senhora por volta de três anos, depois de conseguir dinheiro comecei a alugar as minhas próprias machambas e hoje já tenho meus próprios negócios, consigo produzir e ainda tenho minha banca no mercado de Zimpeto onde vendo tomates repolho e coco que vem de Inhambane” (Albino, 22 anos, camponês residente no bairro de t3, entrevista semi-estruturada, 12.08.2019).

A explicação do Albino permite compreender que antes de ele trabalhar como produtor, ele não fazia nada, permite compreender também que ele conseguiu o emprego através do amigo e ele hoje vive traves da agricultura. António conta a sua experiencia que para além de ser agricultores também é comerciante do mercado do Zimpeto.

“trabalhei como vendedor de coco no mercado de Zimpeto durante 5 anos, onde nos finais de semana eu viajava para Inhambane para comprar coco e vinha revender aqui na cidade, , faço portas e camas, as pessoas que já sabem que eu também faço esse tipo de trabalho mi chamam para arranjar suas portas ou mesmo fazer cama e eu vou”

(António, 24 anos dono da machamba do vale de Infulene, residente no bairro de Inhagoia entrevista semi-estruturada, 12.08.2019).

A explicação do António permite compreender que para além de ele ser agricultor também desempenha outras actividades fora das machambas como forma de garantir a sua reprodução social, actividades tais como fazer portas e fazer camas, assim sendo com essas actividades que ele desempenha lá fora implica deixar por um tempo as suas machambas por um determinado tempo. Numa abordagem semelhante com António, Albino conta a sua experiência.

“Comprei esse espaço a 10 anos, e como actualmente é muito difícil o cultivo das hortícolas devido as mudanças climáticas, acabei abrindo outro negocio no mercado do Zimpeto, no mercado vendo coco que o meu irmão traz de Inhambane, nesta machamba trabalho com minha esposa ela mi ajuda na venda dos produtos quando chega tempo de frutas ela deixa as machambas e vai comprar laranjas e outras frutas da época para vender e assim ela também mi ajuda na obtenção da renda da nossa família, para além disso eu também faço casas sou pedreiro mas esse trabalho faço poucas vezes por ano” (Arnaldo, 36 anos dono da machamba, residente no bairro de Inhagoia B, entrevista semiestruturada, 15.08.2019).

A explicação do Arnaldo permite compreender que, tem sua banca no mercado do Zimpeto isso que também lhe ajuda a superar as dificuldades que ele enfrenta nas suas machambas. O Arnaldo para além de trabalhar como agricultor também é vendedor de cocos e tomate no mercado do Zimpeto e também constrói casas, com a ajuda da sua esposa que também é vendedeira de frutas eles conseguem satisfazer e cobrir as necessidades dele e da sua família.

A semelhança do Arlindo outra experiência foi partilhada pelo Samuel, no seu discurso descreveu o seguinte,

“Nesse país há muito sofrimento, pior para nós que somos agricultores sofremos muito e o governo não nos ajuda, trabalhamos muito e ganhamos pouco dinheiro mas não temos como a não ser continuar, e eu por saber que não poderia só depender desse negócio, o dinheiro que eu consegui ganhar ano passado fiz uma banca na minha casa

onde vendo lá outros produtos e bebidas e com o dinheiro que ganho na minha banca e outro que sai das machambas consegui formar os meus filhos, para além disso eu sou motorista as vezes faço chapa Patrice Xipamanine'' (Samuel, 46 anos, Agricultor e taxista, residente Patrice Lumumba, entrevista semi-estruturada, 03.09.2019).

A partir da explicação do Samuel compreendi que apesar das dificuldades que ele enfrenta na produção e venda das hortícolas, conseguiu dinheiro que lhe permitiu abrir uma banca na sua casa onde a esposa fica a tomar conta e os filhos conseguem ir a escola e para além disso a explicação dele permite perceber que para além de ele ser agricultor também é taxista e faz chapa de Xipamanine-Patrice. Uma explicação similar foi partilhada pelo Januário que explicou o seguinte,

“A vida nos ensina muitas coisas, eu sou agricultor e considero-me agricultor desde a minha infância mas quando tenho outras oportunidades lá fora como montar pavês e arranjar motobombas aqui nas machambas eu vou, este ano tive muitas dificuldades de produzir isso devido ao ano passado cultivei minha couve, numa noite de chuva muito forte tudo foi destruído e tive que recomeçar para ultrapassar as dificuldades que enfrentava comecei a trabalhar como funcionário de algumas machambas daqui e aprendi a montar pavês e também agora arranjo motobombas avariadas” (Januário 30 anos, agricultor, residente no bairro de Jardim, entrevista semi-estruturada, 16.09.2019).

A partir destas explicações é possível compreender que ele apesar de aprender a montar pavês e arranjar motobombas das pessoas das machambas vizinhas, não faz com que ele deixe de ser um agricultor, isso porque ele desde criança trabalha nas machambas mas por dificuldades da vida ele acabou arranando uma estratégia de reprodução social que lhe permitiu aumentar a sua renda. Elisa descreve diversas estratégias que ela usa como forma de garantir sua reprodução social,

“Meu marido e eu sempre procuramos trabalho para acrescentar no valor que conseguimos aqui, está machamba é do meu sogro ele nos emprestou quando casamos, mas para além da machambas meu marido é pedreiro e eu faço tranças nas pessoas porque se dependermos só da produção podemos morrer de fome, isso porque não são todos dias que os produtos devem ser vendidos, quando colocamos couve hoje é preciso

esperar 30 dias para ficar pronto e meter no mercado, nesse tempo que esperamos eu fico a cuidar das machambas enquanto meu marido fica fora a trabalhar'' (Elisa, 23 anos, empregada domestica, residente no bairro de Manduca, 26.03.2019).

A partir do exemplo da Elisa podemos compreender que, a dificuldade que eles enfrentam para obter dinheiro, lhes faz com que procurem fazer outras actividades e que essas actividades que eles desempenham são para garantir a subsistência, no caso do marido da Elisa ele é pedreiro, e quando os produtos estão no processo de crescimento ela também trança cabelos e consegue dinheiro. Diferentemente da Elisa, madalena descreve o seguinte,

“Eu sou trabalhadora, mas também tenho as minhas machambas em Boane e como lá cultivamos produtos de longa duração como mandioca, milho e batata-doce, por isso estou aqui a trabalhar para o dono dessa machamba, comecei a trabalhar aqui ano passado quando meu marido perdeu emprego, as dificuldades de sobrevivência lá em casa aumentaram por isso pensei em trabalhar aqui no final do mês eles me pagam” (Madalena, 39 anos, camponesa residente no Patrice Lumumba, entrevista semi-estruturada, 28.03. 2019).

A explicação da Madalena permite compreender que ela tem a sua machamba em Boane onde consegue cultivar no tempo de chuva isso porque os produtos que ela produz tem a sua época, e na perda do emprego do marido ela acabou procurando emprego.

Com base nos dados apresentados nesta secção, compreendi que, os participantes do estudo para garantir sua reprodução social, os participantes do estudo para além da agricultura desenvolvem outras actividades. Alguns são pedreiros, montadores de pavês, carpinteiros e outros ainda dedicam-se a negócios nos mercados informais. Permite perceber também que apesar das actividades que eles fazem fora, não abandonam as machambas porque para eles a machamba é fonte de renda principal para sustentar as suas famílias.

6. Considerações finais

O presente trabalho analisou estratégias de reprodução social no sector Agrícola entre um grupo de jovens agricultores do vale de Infulene, na província de Maputo. Da literatura analisada sobre estratégia de reprodução social no sector Agrícola identifiquei duas perspectivas, das quais a primeira analisa a produção agrária familiar de subsistência e de autoconsumo (Arndt e Bacau 2000; Bowen 1989; Carneiro 2012; Macia 2016; Siteo 2005) e a segunda analisa o sector agrícola a partir do género e explica como as mulheres agricultoras desempenham papel decisivo na execução das actividades relacionadas à produção (Agy (2018); Bolton e White 1984; Cavane 2001; Karam 2004; Liberman 1989).

A literatura permite compreender que o sector agrícola na sua maioria é caracterizado por uma agricultura familiar que pratica agricultura para sustentar a eles e sua família, por outro lado ficam por compreender os detalhes sobre o papel dessa agricultura na vida das pessoa e como elas usam-na como estratégia de reprodução social.

Para compreender a estratégia de reprodução social, realizei uma pesquisa etnográfica exploratória entre um grupo de produtores do Vale de Infulene. A partir dos dados analisados compreendi que parte dos participantes usa a agricultura como uma das formas de reprodução social, a par de outras estratégias e outra usa apenas a agricultura como sua estratégia de reprodução social. Compreendi ainda que existem produtores que vivem somente da agricultura.

Compreendi também que os participantes acedem a terra na qual trabalham por herança de seus pais, aluguer ou compra de outras pessoas. Compreendi ainda que os produtores desenvolvem estratégias para produzir e para vender os seus produtos e aumentar a sua renda, apenas a partir da agricultura e outros combinam a agricultura com outras fontes de renda. No final percebi que todos usam a agricultura como uma forma de obter renda.

Este estudo na qualidade de um projecto de pesquisa abre linhas para pesquisas futuras, a título de exemplo, pesquisas futuras podem analisar a importância das diferentes fontes de renda e caracterizar o desenvolvimento de estratégias de reprodução social dos produtores.

Referências

- Arndt, C. e Bacou. 2000. “Economy-wide effects of climate variability and climate prediction in Mozambique”. *American Journal of Agricultural Economics*. Vol. 82, (3): 750-754.
- Bebbington, A. 1999. “Capitals and capabilities: A framework for analyzing peasant viability, rural livelihoods and poverty”. *World development*. Pp 11-44.
- Bawen, Merlin. 1989. “Peasant Agriculture in Mozambique: the case of Chocué”. *Gaza Provence*. Vol.23, (3): 355-379.
- Burton, Michael, e White, Douglas. 1984. “Sexual division of labor in agriculture”. *American Anthropologist*, Vol. 86. (3): 568-583.
- Bourdieu P. e Passeron, J. 1970. “A reprodução: Elemento para uma teoria do sistema de ensino”. *Recensões Lusofonia*. Pp. 1-25.
- Bourdieu, P. 1996. “Razões práticas”: sobre a teoria de acção. Tradução Maria Correa. Campinas: papirus. Pp. 210-224.
- Cavane, E e Vijfhuizen, C. 2001. “Aprendendo a entender os aspectos do desenvolvimento rural”. Estudos de trabalhos de diplomas a nível de licenciatura e mestrado. Maputo, Moçambique. Pp. 1-171.
- Reviere, C. 1995. “Introdução a antropologia: perspectivas do homem”. Edição 70. Lisboa. Pp. 9-182.
- Robertz, B.1994. “Informal economy and family Strategies”. *Jornal of Urban and regional research*, vol.18.
- Silva, J, M e Hespanhol, R, A, M. 2016. “Estratégia de reprodução social dos Agricultores Familiares das comunidades Rurais do Município de catalão (Go)”. Brasil: Universidade Estadual Paulinas. Vol (29): 402-430.

Trigo, M, H, B. 1998. “Habitus, campos, estratégia: uma leitura”. Cadernos CERU. Vol 2, (9), 45-55.

Macie, O, A,A e Freitas, D, E. 2016. “Características da estação chuvosa em Moçambique: probabilidade de ocorrência de períodos secos ”. Universidade de São Paulo. Vol 38: 233-239.

Karam, K, F. 2004. “A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades”. Estudos Feministas, Florianópolis. Vol 12 (1): 303-320.

Lieberman, G.1989. “Agricultura mulher e extensão rural ”. dndr-unicef (wird). Vol 23 (4), 83-306.

Carneiro, M.J e Thais, D. 2012. “Agricultura e biodiversidade nas ciências sociais brasileiras”. Alimentando a comunicação entre ciências e políticas públicas. Sociologia porto alegre. Pp. 1-38.

Ferreira, S. 2004. “Estratégia e planejamento”. Editora LTC: Rio de Janeiro.

Herrere, K,M. 2013. “Uma análise do trabalho da mulher rural”. Através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. Pp. 1-11.

Siteo, T, A. 2005. “Agricultura familiar em Moçambique”: estratégia de desenvolvimento sustentável. Maputo. Pp. 4-32.

